

DA AÇÃO AO DISCURSO: POLÍTICA E ESPAÇO PÚBLICO EM HANNAH ARENDT

Francisco Rafael Queiroz de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo lançar o debate em torno da importância da ação e do discurso para a legitimação do poder e da política, a partir das abordagens de Hannah Arendt. Partindo da concepção arendtiana, entendemos que o homem se torna um ser político através do uso das palavras em seu discurso. Pretendemos aqui, sem querer esgotar o debate, defender que o homem, quando inserido no contexto da pluralidade, só pode ter significado em sua ação na medida em que puder exercer o discurso entre seus pares. Esse discurso faz do homem um ser único entre seus iguais, um ser distinto. O uso da violência gera o silêncio caracterizando, desse modo, uma atividade apolítica, uma vez que não permite ao outro o direito de se manifestar. Concluimos que a política passa por uma crise na modernidade e que a sua recuperação deve se dar pelo uso da ação (*práxis*) e do discurso (*léxis*) no espaço público. Portanto é necessário ocupar a esfera pública, voltar a cuidar do mundo. Para tanto, apoiamos nossa argumentação no pensamento de Hannah Arendt.

Palavras chaves: Ação; Discurso; Hannah Arendt; Mundo; Pluralidade.

Abstract: This article aims to launch a debate on the importance of action and speech to the legitimacy of power and politics, from the approaches of Hannah Arendt. Starting from Arendt conception, we understand that man becomes a political being through the use of words in his speech. We intend here, not wanting to exhaust the debate, defend that man, when placed in the context of plurality, can only have meaning in his action to the extent that he can exercise his speech among their peers. This speech makes man a unique being among their peers, a distinct being. The use of violence creates silence featuring thus a non-political activity, since it does not allow the other the right to demonstrate. We conclude that the policy is undergoing a crisis in modernity and its recovery should occur when using action (*praxis*) and speech (*lexis*) in the public space, so it's important to occupy the public sphere, to take care of the polis. Therefore, we support our argument at the thought of Hannah Arendt.

Keywords: Action; Speech; Hannah Arendt; World; Plurality.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE). Contato: rafaell_queiroz@hotmail.com Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/6877737257346952>

Introdução

Dentro de uma perspectiva de estudo sobre a recuperação da dignidade da política, temos por objetivo nesse artigo discorrer sobre a importância do uso da ação e do discurso para a constituição da política, sob a concepção arendtiana. Centraremos nossas discussões em torno da obra *A condição Humana*, de 1958.

Tomando como referências as reflexões de Arendt, defendemos que o sentido da política é a liberdade, portanto para ser político o homem necessita estar em condição de igualdade com seus pares, no que tange ao direito de fala, já que “é o discurso que faz do homem um ser político” (ARENDR, 2014, p.04).

Cabe aqui fazer a distinção entre trabalho, obra e ação no tocante à política. O trabalho, atividade responsável pela manutenção do ciclo biológico humano, e a obra, que tem por finalidade construir o artifício humano, não trazem consigo significações essenciais para a política, uma vez que, segundo Hannah Arendt:

De todas as atividades necessárias e presentes nas comunidades humanas, somente duas eram consideradas políticas e constituíam o que Aristóteles chamava de *biospolitikos*: a ação (práxis) e o discurso (léxis), dos quais surge os assuntos dos domínios humanos (*tatōnanthrōpōnpragmata*, como chamava Platão), de onde está estritamente excluído tudo que apenas necessário ou útil (ARENDR, 2014, p. 30).

A autora entende que a categoria da ação é a única que tem a característica de estabelecer um contato direto entre os homens, de maneira que se possa estabelecer a interação entre eles, além de corresponder “à condição humana da pluralidade, ou seja, ao fato de que os homens, e não o homem, vivem na Terra e habitam o mundo”. A pluralidade é a condição de “toda vida política” (ARENDR, 2014, p.09).

Acrescenta - nos ainda:

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o trabalho, nem desencadeada pela utilidade, como a obra (ARENDR, 2014, p. 219).

Hannah Arendt afirma que tudo que o homem faz, sabe ou experimenta só tem significado quando ele pode falar sobre, quando faz o uso da linguagem, uso do discurso, essencial para a existência da política, sempre dentro do contexto da pluralidade. Insiste Arendt neste excerto:

Pode haver verdades para além do discurso e que podem ser de grande relevância para o homem no singular, isto é, para o homem na medida em que, seja o que for, não é um ser político. Os homens no plural, isto é, os homens na medida em que vivem, se movem e agem neste mundo, só podem experimentar a significação porque podem falar uns com os outros e se fazer entender aos outros e a si mesmos (ARENDDT, 2014, p.05).

Identificamos que o uso da violência e da força se caracteriza como oposição à liberdade e à pluralidade. Essa prática acarreta uma situação de isolamento e a consequente inexistência da condição para a política, que é o direito de ação e fala, haja vista o espaço público que é negado. Consoante Hannah Arendt “o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam” (ARENDDT, 2014, p. 248).

Assim, através da obra de Arendt, a qual levanta a constatação de que os homens estão aprisionados em seus campos particulares e desinteressados pelo corpo público e pelas questões públicas, propomos a discussão sobre a crise da política na modernidade, defendemos que os homens voltem a agir e discursar, isto é, ocupem a esfera pública.

Distinção arendtiana entre Mundo e Vida

Hannah Arendt nos convida em sua obra “A Condição Humana” a fazermos uma distinção entre as categorias: “mundo” e “vida”. Para ela, o termo mundo não equivale à Terra, “enquanto espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Ante, tem relação com o artefato humano, com o que é fabricado por mãos humanas.” (ARENDDT, 2014, p.64). É através da atividade da fabricação que o homem altera o meio natural, violando – o e, dessa forma, apresentando - se como um *homo faber*, aquele que é responsável pela edificação artificial da morada humana, o mundo, um abrigo capaz de salvaguardar a existência humana do voraz e destrutivo ciclo interminável da vida orgânica.

Mundo não é simplesmente o lugar em que a comunidade humana habita, mas também corresponde a tudo aquilo criado pelos homens e que tem o poder de unificá-los e separá-los, “como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo espaço - entre [*in - between*], o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si” (ARENDDT, 2014, p. 64), esse condicionamento humano nos relaciona e nos distingue concomitantemente. O mundo pode ser definido como o artificialismo humano, o espaço destinado à convivência entre as pessoas, lugar em que os homens se encontram e a partir daí constituem, em comunidade, a significação para seus artefatos, feitos, palavras, ações, história e memória.

Arendt usa a expressão “vida” para definir uma das categorias da condição humana. Esse condicionamento exige incessantemente do homem que ele se esforce para garantir a manutenção do ciclo vital biológico, que assegure os meios de sobrevivência do organismo vivo. Referimo-nos ao trabalho, atividade responsável por produzir os bens de consumo, esforços inteiramente voltados a suprir as necessidades da vida orgânica. A atividade do trabalho não é capaz de criar mundo, de trazer aspectos de durabilidade, uma vez que “é típico de todo trabalho nada deixar atrás de si, que o resultado do seu esforço seja consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido (ARENDR, 2014, p. 107). Os produtos do trabalho sempre são destinados ao consumo e, dessa forma, são destruídos no mesmo instante em que são usados, não possuem durabilidade, são absorvidos pelo ciclo biológico e por isso não geram mundo. Como nos esclarece Arendt: “O mundo, o lar construído pelo homem na Terra e fabricado com o material que a natureza terrena coloca à disposição de mãos humanas, consiste não de coisas que são consumidas, mas de coisas que são usadas” (ARENDR, 2014, p. 166).

A condição natural de “ser vivente” aprisiona os homens ao ciclo biológico de sua espécie, impossibilitando que sua atividade transforme o seu redor em mundo, uma vez que a natureza não exige que o ser vivo se torne efetivamente ativo, somente que ele se adapte ao meio natural tomado pelo ciclo vital, circular e repetitivo. Já o mundo, produzido pela ordem do não natural, pela condição de “ser do mundo”, que surge das iniciativas, interferências e comprometimentos humanos, revela um significado às vidas dos homens, uma vez que eles são unidos em torno do sentido de mundo comum, uma base de fundamentação do espaço público, o palco para os negócios humanos.

Liberdade e Política: duas faces da mesma moeda

Arendt defende que, na Grécia Antiga, a esfera pública era totalmente separada da esfera privada, do lar e hierarquia da casa, uma vez que para estarem em condição de igualdade seria necessário que os homens estivessem livres do jugo da necessidade. A antiguidade e a modernidade apresentam significações distintas para o conceito de liberdade, uma vez que, diferente da era moderna, o pensamento dos antigos estabelecia que ser livre era ter isenção da desigualdade presente no ato de governar e ser governado, falta de igualdade essa presente no lar. Enquanto hoje o conceito de igualdade está associado à justiça, na antiguidade essa palavra tinha valor somente no domínio político. A autora, então, descreve-nos sobre a política na pólis:

A *pólis* diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer “iguais”, ao passo que o lar era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Significava nem governar e nem ser governado. (ARENDDT, 2014, p.39).

Entendemos que o sentido da Política é a liberdade, inserida no contexto da pluralidade, na esfera pública, espaço onde os homens agem e falam, pois como antes dito, acessamos o mundo pela *léxis* e pela *práxis*. Consoante Arendt: “Para a pergunta sobre o sentido da política existe uma resposta tão simples e tão concludente em si que se poderia achar outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade”(ARENDT, 2002, p. 38).

Sem a ação a liberdade é impossível. A liberdade relacionada à política, a *freedom*, em oposição à *liberty*, não tem relação com o livre arbítrio ou com a vontade. No espaço público, os homens, estando distanciados do julgo doméstico, da preocupação com as necessidades e da relação de hierarquia presente no lar, têm a liberdade para agir. Atuando e podendo revelar – se em um espaço de iguais, livres da violência presente na casa e da preocupação com as necessidades biológicas, os homens podem agir, narrar e deliberar sobre algo em comum.

A pensadora afirma que apesar de o homem poder estar em algum momento livre das obrigações e necessidades da vida, não é o suficiente para ele estar em estado de liberdade. Em outra importante obra de Hannah Arendt, intitulada *Entre o passado e o futuro* (1961), a autora esclarece:

A liberdade necessitava, além da mera liberação, da companhia de outros homens que estivessem no mesmo estado, e também de um espaço público comum para encontrá-los – um mundo politicamente organizado, em outras palavras, no qual cada homem livre poderia inserir-se por palavras e feitos. (ARENDDT, 2014, p.194).

A antiguidade e a modernidade apresentam significações distintas para o conceito de liberdade, uma vez que diferente da era moderna, o pensamento dos antigos estabelecia que ser livre era ter isenção da desigualdade presente no ato de governar e ser governado, falta de igualdade essa presente no lar. Enquanto hoje o conceito de igualdade está associado à justiça, na antiguidade essa palavra tinha valor somente no domínio político. A autora, então, descreve-nos sobre a política na *pólis*:

A *pólis* diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer “iguais”, ao passo que o lar era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem

ao comando de outro e também não comandar. Significava nem governar e nem ser governado. (ARENDR, 2014, p.39).

Pluralidade: ação, discurso e o estado de aparência

Seguindo o pensamento de Arendt, entendemos que ela faz a separação entre duas categorias bem distintas: são elas o público e o privado. Para ela, a esfera privada é marcada pela condição de o homem estar privado de ser visto e ouvido, e dessa maneira, não ter a oportunidade de ser revelado. A esfera privada estava limitada a um interesse inerente às necessidades biológicas da vida. Já a esfera pública está remetida tanto à ideia de publicidade, isto é, tudo que é público tem a possibilidade de ser visto e ouvido por todos, quanto ao ideal de interesse e bem comum, visto que a realidade mundana é partilhada por homens que se relacionam.

Hannah Arendt define o espaço público como o lugar, em que, de maneira esplendida, residem a palavra e a ação. O lugar do espaço de “aparência”, visto que eu apareço para os outros e outros tem, também a possibilidade de aparecerem para mim. Ainda que a humanidade crie e produza um artificialismo estreitamente humano, o mundo torna - se sua morada apenas quando é o ambiente, não somente, da aparência, sob a forma de objetos, mas igualmente da aparência dos homens que o constituem. Essa aparência se dá pelo fato de durante a ação e o discurso sermos envolvidos uns com os outros na manifestação de interesses e objetivos em comum e, sendo vistos e ouvidos por nossos pares, somos envoltos pelo mundo público. O mundo público representa o espaço reservado para que os homens apareçam, se revelem e compartilhem suas ações e ideias.

Para que exista ação é necessário que se tenha aparição no mundo público, para que, dessa forma, o agente possa ser reconhecido pelas suas palavras e feitos. A interação entre ação e discurso proporciona aos homens a possibilidade de se revelarem. Essa revelação é marcada pela indagação do “quem és”, em oposição ao “o que és”, visto que : “ Os homens não são objetos que possam ser definidos de uma vez por todas. O ser próprio de um homem, o seu “quem só se revela quando dele se contar a história, feitos e palavras” (AGUIAR, 2009, p.122).

A autora afirma que atos e palavras são fúteis, irrisórios, visto que diferente dos produtos da fabricação, não são marcados pela durabilidade, só existem no momento em que acontecem. Diz – nos Arendt:

O que se passa diretamente entre os mortais, a palavra falada e todas as ações e feitos que os gregos chamaram de *práxeis* ou *prágmata*, em

oposição a *poises*, fabricação, não pode nunca sobreviver ao momento de sua realização e jamais deixaria qualquer vestígio. (ARENDDT, 2014, p.74).

Todavia, os homens tendo a consciência de sua condição de seres mortais, presos ao ciclo da finitude humana, tinham a possibilidade de serem agraciados com a imortalidade. Os poetas e historiadores traduzem, na palavra escrita, a ação e a fala dos homens e, dessa maneira, garantem a presença imorredoura da humanidade, uma vez que os feitos e as palavras ficam para a posteridade, permanecendo na memória humana.

Vitória do animal laborans: a perda do mundo

O trabalho e o consumo são atividades incapazes de fazerem parte do mundo humano, visto que seus resultados não possuem um caráter de permanência, são destruídos quase no mesmo instante em que são realizados. Os ideais do *homo faber*, produtor do artifício humano, que podemos descrever como a durabilidade, a estabilidade e a permanência foram derrotados pelo desejo de abundância, objetivo que o *animal laborans* entende como felicidade. “Vivemos em uma sociedade de trabalhadores, porque somente o trabalho, com sua inerente fertilidade, tem possibilidade de produzir a abundância” (ARENDDT, 2014, p. 155), afirma Hannah Arendt.

A elevação do trabalho na modernidade² e a conseqüente inversão na hierarquia das atividades humanas arruinaram a durabilidade do mundo enquanto artifício humano e paulatinamente também vem eliminando a identidade e a distinção dos homens. O espaço público se encontra ameaçado pelo não aparecimento, condição impreterivelmente condicionada à existência de homens plurais. O *animal laborans* é incapaz de cuidar do mundo, uma vez que suas necessidades ligadas ao ciclo vital não podem ser compartilhadas e nem comunicadas. Ele tende a destruir e devorar tudo que toca e seu tempo não é destinado em finalidade, que não seja o consumo, pois e quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e ardentes são seus apetites.... (ARENDDT, 2014, p. 165).

Hannah Arendt alerta que a política passa por uma crise desde o advento do homem moderno. Modernidade, para a autora, significou o início do esfacelamento da política, haja

² Importante lembrar que Hannah Arendt faz uma diferenciação entre era moderna e mundo moderno. No prefácio de *A condição humana* ela afirma: “a era moderna não coincide com o mundo moderno. Cientificamente, a era moderna começou no século XVII, terminou no limiar do século XX; politicamente, o mundo moderno em que vivemos nasceu com as primeiras explosões atômicas”. (ARENDDT, 2014, p. 7).

vista que a liberdade, constituída pelas categorias da ação e do discurso, foi usurpada pelos fins econômicos.

O pensamento arendtiano denuncia que mundo e vida foram marcados, na modernidade, por uma grave zona de indistinção que tende, de forma progressiva, a não mais diferenciar esses condicionamentos tão fundamentais para a condição humana. A fronteira entre mundo e vida, entre o artifício humano e a vida biológica, é extirpada a partir do momento em que ocorre uma confusão entre a esfera pública e a esfera privada, quando assistimos à ascensão de “atividades privadas em público (CORREIA, 2014, p. 98).

Diante desse panorama, o surgimento do modo de produção capitalista contribuiu para a redução do campo, outrora ocupado pelo espaço público, à condição de local de exibição de mercadorias. A era moderna, dos homens trabalhadores, rompe com a tradição grega ao reduzi-los a um comportamento de membros da sociedade, desconsiderando, dessa maneira, a ação dos indivíduos. Conforme destaca a pensadora:

Um fator decisivo é que a sociedade, em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de ação, que outrora era excluída do lar doméstico. Ao invés da ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros, certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os seus membros, a fazê-los comportarem-se, a excluir a ação espontânea ou a façanha extraordinária. (ARENDR, 2014, p.50).

A modernidade é marcada pela ascensão da sociedade em detrimento do indivíduo, pelo aparecimento do homem comportado e de uma humanidade que a cada dia vem perdendo a noção de espaço público, limitando a sua existência ao trabalho e ao consumo, ao seu ciclo biológico, às suas necessidades.

Verificamos que o surgimento do homem da modernidade, fruto do advento do capitalismo, acarretou um esvaziamento da política em sua essência. Sociedade moderna, caracterizada pelo isolamento, pela inércia na cena pública e pela presença de uma postura burguesa individualista pautada no lucro e que conduz os indivíduos a uma indiferença com a coisa pública e a um deslumbramento com a abundância do consumo que acaba impedindo o reconhecimento de sua própria futilidade.

Considerações finais

Este artigo pretendeu trazer uma abordagem sobre o conceito de espaço público em Hannah Arendt. Para a autora, a política não surge de uma forma natural ou dada, não é dada naturalmente ao homem, mas ela acontece através da atuação humana e sua criatividade para iniciar um espaço humano por excelência, constituído apenas por palavras e atos, sendo, dessa forma, algo não natural. Trata – se de um pensamento que relaciona o homem ao artifício humano, além da criação de um mundo público e comum, orquestrado pela ação e pela fala.

Pensar a política é fazer uma reflexão sobre a vida humana em seu sentido não natural, em sua *bios*, é refletir sobre a convivência de homens que se relacionam e deixam aparecer suas individualidades em meio à pluralidade de ideias e perspectivas.

Esse mundo que é a morada do homem, o acolhe em sua pluralidade e singularidade, mas encontra – se ameaçado pela usurpação da esfera privada pelos interesses do âmbito privado, tornando o consumo o bem supremo. Percebemos, na modernidade, um sequestro da política pela economia, o que resulta em uma mudança na hierarquia das atividades humanas: o trabalho, agora, ocupa o lugar que seria destinado à ação e o homem passa então a existir somente para do desfrute de simplesmente viver. A pluralidade, condição para a política, se encontra ameaçada, as democracias liberais transformaram a política em administração burocrática inserida dentro da avassaladora esfera social que só tem crescido na modernidade.

É importante que avancemos na criação de um novo significado para procedermos em relação ao mundo público, para que assim, segundo defende Hannah Arendt, possamos preservar a narração, a memória, o discurso, o dissenso, o seja, aquilo que é capaz de produzir mundo comum e, dessa maneira, guardarmos o mundo para os outros que nascerão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. *A Condição Humana*. 12ª ed. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. 7ª ed. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *O que é Política*. 3ªed. Tradução Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

AGUIAR, O. A. *Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

CORREIA, A. *Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.